

**Olavo Bilac**  
**PROFISSÃO DE FÉ**

Le poète est ciseleur,  
Le ciseleur est poète.  
Victor Hugo.

*Não quero o Zeus Capitolino  
Hercúleo e belo,  
Talhar no mármore divino  
Com o camartelo.*

*Que outro - não eu! - a pedra corte  
Para, brutal,  
Erguer de Atene o altivo porte  
Descomunal.*

*Mais que esse vulto extraordinário,  
Que assombra a vista,  
Seduz-me um leve relicário  
De fino artista.*

*Invejo o ourives quando escrevo:  
Imito o amor  
Com que ele, em ouro, o alto relevo  
Faz de uma flor.*

*Imito-o. E, pois, nem de Carrara  
A pedra firo:  
O alvo cristal, a pedra rara,  
O ônix prefiro.*

*Por isso, corre, por servir-me,  
Sobre o papel  
A pena, como em prata firme  
Corre o cinzel.*

*Corre; desenha, enfeita a imagem,  
A idéia veste:  
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem  
Azul-celeste.*

*Torce, aprimora, alteia, lima  
A frase; e, enfim,  
No verso de ouro engasta a rima,  
Como um rubim.*

*Quero que a estrofe cristalina,  
Dobrada ao jeito  
Do ourives, saia da oficina  
Sem um defeito:*

*E que o lavor do verso, acaso,  
Por tão subtil,  
Possa o lavor lembrar de um vaso  
De Becerril.*

*E horas sem conto passo, mudo,  
O olhar atento,  
A trabalhar, longe de tudo  
O pensamento.*

*Porque o escrever - tanta perícia,  
Tanta requer,  
Que ofício tal... nem há notícia  
De outro qualquer.*

*Assim procedo. Minha pena  
Segue esta norma,  
Por te servir, Deusa serena,  
Serena Forma!*

*Deusa! A onda vil, que se avoluma  
De um torvo mar,  
Deixa-a crescer; e o lodo e a espuma  
Deixa-a rolar!*

*Blasfemo > em grita surda e horrendo  
Ímpeto, o bando  
Venha dos bárbaros crescendo,  
Vociferando...*

*Deixa-o: que venha e uivando passe  
- Bando feroz!  
Não se te mude a cor da face  
E o tom da voz!*

*Olha-os somente, armada e pronta,  
Radiante e bela:  
E, ao braço o escudo > a raiva afronta  
Dessa procela!*

*Este que à frente vem, e o todo  
Possui minaz*

*De um vândalo ou de um visigodo,  
Cruel e audaz;*

*Este, que, de entre os mais, o vulto  
Ferrenho alteia,  
E, em jato, expele o amargo insulto  
Que te enlameia:*

*É em vão que as forças cansa, e â luta  
Se atira; é em vão  
Que brande no ar a maça bruta  
A bruta mão.*

*Não morrerás, Deusa sublime!  
Do trono egrégio  
Assistirás intacta ao crime  
Do sacrilégio.*

*E, se morreres por ventura,  
Possa eu morrer  
Contigo, e a mesma noite escura  
Nos envolver!*

*Ah! ver por terra, profanada,  
A ara partida  
E a Arte imortal aos pés calcada,  
Prostituída!...*

*Ver derribar do eterno sólio  
O Belo, e o som  
Ouvir da queda do Acropólio,  
Do Partenon!...*

*Sem sacerdote, a Crença morta  
Sentir, e o susto  
Ver, e o extermínio, entrando a porta  
Do templo augusto!...*

*Ver esta língua, que cultivo,  
Sem ouropéis,  
Mirrada ao hálito nocivo  
Dos infieis!...*

*Não! Morra tudo que me é caro,  
Fique eu sozinho!  
Que não encontre um só amparo  
Em meu caminho!*

*Que a minha dor nem a um amigo  
Inspire dó...  
Mas, ah! que eu fique só contigo,  
Contigo só!*

*Vive! que eu viverei servindo  
Teu culto, e, obscuro,  
Tuas custódias esculpindo  
No ouro mais puro.*

*Celebrarei o teu ofício  
No altar: porém,  
Se inda é pequeno o sacrifício,  
Morra eu também!*

*Caia eu também, sem esperança,  
Porém tranqüilo,  
Inda, ao cair, vibrando a lança,  
Em prol do Estilo!*